



O funcionamento da unidade linguística NOVO como marcador de abertura e fechamento de caminho à alteridade

The functioning of linguistic form NOVO (new) as opening and closing marker of pathways to alterity

Isael da Silva Sousa¹
Universidade do Estado de Mato Grosso

Albano Dalla Pria²
Universidade do Estado de Mato Grosso

♦ **RESUMO:** O nosso objetivo geral nesta pesquisa consiste em empreender um estudo da unidade linguística NOVO em posição atributiva com uma simulação de diálogo entre sujeitos. Para tanto, nos sustentamos teoricamente nos pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli e os seus seguidores. Organizamos os enunciados para as análise em dois grupos: NOVO anteposto ao nome e NOVO posposto ao nome. Os resultados da nossa pesquisa explicitam o funcionamento da unidade linguística NOVO enquanto marcador de mecanismos de abertura e fechamento de caminho à alteridade.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** TOPE. Operações de determinação. Construção de sentidos. Qualificação. Quantificação. NOVO.

♦ **ABSTRACT:** Our general objective in this research is to undertake a study of the linguistic unit NOVO (NEW) in attributive position with a simulation of dialogue between subjects. To this end, we theoretically rely on the assumptions of the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), by Antoine Culioli and his followers. We organized the statements for analysis into two groups: NOVO (NEW) in front of the name and NOVO (NEW) after the name. The results of our research explain the functioning of the linguistic unit NOVO (NEW) as a marker of mechanisms for opening and closing the path to otherness.

♦ **KEYWORDS:** TOPE. Determination operations. Construction of meanings. Qualification. Quantification. NOVO (NEW).

¹Doutor em Linguística pelo PPGL/UNEMAT/Cáceres. É pesquisador do grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE/UFPI) e do Grupo de pesquisa Variação e Invariantes na Linguagem (CNPq). Docente da FACEL/Cáceres/UNEMAT. E-mail: isaelsousah@gmail.com

²Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/FCL/Araraquara. Docente da FALECT/Alto Araguaia e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da UNEMAT. É coordenador do Grupo de Pesquisa Variação e Invariantes na Linguagem (CNPq). E-mail: adallapria@gmail.com.

Introdução

Neste artigo partimos da hipótese de que são a variação experiencial e linguística que fundamentam os diferentes modos pelos quais são determinados os sentidos da unidade linguística NOVO na língua portuguesa. Por certo, divergimos não só da tradição lógico-gramatical, mas também da teoria da gramática cujos avanços são tributários dos estudos linguísticos.

Para a tradição lógico-gramatical, o “adjetivo” é compreendido como uma classe de palavras ou classe gramatical que “reúne todas as palavras que fazem referência ao substantivo com intuito de indicar-lhe uma qualidade, isto é, o “adjetivo” é compreendido como toda palavra que modifica a compreensão do “substantivo” afetado quanto a ideia, a substância da coisa” (ALMEIDA, 1997, p. 37, grifos nossos).

Essa concepção de “adjetivo” supracitada também é utilizada pela Linguística. Observemos que, embora a linguística teórica tenha refutada diversos dos pressupostos da tradição lógico-gramatical, “parece não ter demonstrado resistência para incorporar as classes das palavras às suas bases de reflexão” (PRIA, 2009, p. 13), visto que

a abordagem tradicional da gramática de uma língua e a maioria das sistematizações oferecidas pelos estudos linguísticos convencionais descrevem sempre valores prototípicos, aqueles que realçam como os picos e as montanhas de um relevo (REZENDE, 2002, p. 112).

As unidades linguísticas em geral são observadas e descritas pela tradição lógico-gramatical a partir da estabilização de valores decorrentes de uma situação enunciativa específica, já dada. Esses valores são tomados como uma espécie de fio condutor ou como parte integrante da “essência” de uma dada unidade. Com base nesses valores são organizadas as classes gramaticais como, por exemplo, os “adjetivos”.

Desse modo, para tradição lógico-gramatical a unidade linguística NOVO já é dotada de um valor que se soma aos valores das demais unidades compondo o valor do todo. Para essa perspectiva o valor da unidade linguística NOVO está determinado culturalmente. Assim, por exemplo, o dicionário vai dizer que NOVO, entre diversas acepções, significa “algo que revela originalidade e novidade” (MICHAELIS, 2021). Mas, observemos o exemplo a seguir:

01. *O celular novo do José é ultrapassado.*

Em 01, para a tradição gramatical, NOVO é o “adjetivo” que modifica a compreensão de <celular>. Assim, celular + NOVO seria igual um celular que denota uma novidade. No entanto, podemos indagar se o sentido de “originalidade e novidade” está presente em 01.

Logo, o problema da tradição lógico-gramatical é, por tomar NOVO como uma unidade linguística possuidora de um sentido próprio, emprega uma metodologia de análise que o observa de forma isolada. Até consideram as variações que são próprias de NOVO, mas as tomam para definir um valor estável como essencial a essa unidade linguística. Assim, ignora-se que o valor de NOVO se transforma quando colocado em relação com outras unidades em um dado enunciado.

Isso posto, questionamo-nos: como a unidade linguística NOVO estabiliza um determinado valor? E, principalmente, qual é a natureza desse valor? Para a teoria da

gramática³, no que lhe concerne, embora não se ignore que o valor de NOVO se transforme quando colocado em relação com outras unidades, como faz a tradição gramatical, ignora-se que esse valor possa ser um obstáculo para a determinação do sentido do todo. Para essa perspectiva, é a sintaxe (posição) que vai determinar o valor do todo e, em última instância, o valor de cada unidade em um enunciado. Vejamos os exemplos a seguir:

02. É um novo livro de Cecília Meireles!
03. É o livro novo de Cecília Meireles.
04. Não é o livro novo de Cecília Meireles.
05. É o livro novo de Cecília Meireles?

Para a teoria da gramática, a mudança de significado entre o exemplo 02 e o exemplo 03 é atrelada à posição que a unidade linguística NOVO ocupa (NOVO+LIVRO ou LIVRO+NOVO). Por esse ponto de vista, “a variação do significado de sintagmas da forma N+Adj e Adj+N é função das propriedades semânticas dos nomes e dos adjetivos que permitem este fenómeno” (AMARO, 2002, p. 07). Observemos que esse posicionamento deixa de levar em consideração a articulação entre as unidades e, principalmente, as marcas de asserção, que situam a articulação entre unidades linguísticas no tempo-espaço e em relação a sujeitos variáveis.

É inegável que nos exemplos de 02 a 05 tem-se variação de NOVO. Mas, tanto a tradição lógico-gramatical como a teoria da gramática atribuem essa variação, respectivamente, ao léxico e à sintaxe. É importante ressaltarmos que não é esse tipo de variação que a semântica culioliana busca explicar.

Do ponto de vista da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), teoria em que nos sustentamos neste artigo, consideremos os exemplos 02, 03, 04 e 05: em 02 e 03, a asserção positiva marca uma assunção positiva sobre a relação <alguma coisa que se pode provisoriamente chamar de livro para alguém>; em 02, NOVO situa a ocorrência de livro no tempo-espaço de uma situação enunciativa singular. O termo um marca a passagem de <nenhuma ocorrência de livro (0) para <uma ocorrência localizada de livro (1) em relação ao sujeito enunciador>; em 04, não marca uma assunção negativa sobre a relação <alguma coisa que se pode provisoriamente chamar de livro para alguém>, o que explicita as experiências singulares do sujeito enunciador em tempos-espaços com a ocorrência da noção /livro/; em 05, a interrogação marca que o sujeito enunciador atribui ao seu coenunciador a responsabilidade de assumir um valor positivo (Sim, é o livro novo de Cecília Meireles), negativo (Não é o livro novo de Cecília Meireles) ou de incerteza (Talvez seja o livro novo de Cecília Meireles) para a relação <alguma coisa que se pode provisoriamente chamar de livro para alguém>.

Os fatos aqui arrolados reforçam nossa hipótese de trabalho, qual seja, a de que a variação experiencial dos sujeitos fundamenta a determinação dos sentidos da unidade linguística NOVO. Já as categorias definidas pela tradição lógico-gramatical e pela teoria da gramática mais do que não contribuir para a compreensão de como a variação experiencial dos sujeitos fundamenta a determinação dos sentidos da unidade linguística NOVO, suprimem o papel da variação do horizonte de trabalho do linguista.

Isso posto, o nosso objetivo geral nesta pesquisa consiste em empreender um estudo da unidade linguística NOVO em posição atributiva com uma simulação de diálogo entre sujeitos.

³ Estamos tomando como “teoria da gramática” os estudos linguísticos, sobretudo estruturalista, que se ocupam em discutir questões de ordem gramaticais.

A variação das unidades linguísticas explicita a deformabilidade intrínseca das formas linguísticas. Não temos uma relação direta entre uma forma e um valor/sentido. “São os índices de uma situação de enunciação, que servem como coordenadas de referência, são os que tornam possível o cálculo dos valores da pessoa, do tempo e aspecto, modalidade” (FUCHS, 2002).

Ainda sobre a variação, tal como a compreendemos neste artigo,

diz respeito aos modos de perceber e representar o mundo por sistemas transindividuais não homogêneos (a instabilidade experiencial é fundamental) que, em princípio, não dialogam, senão em razão do trabalho dos sujeitos para se entender (quadro psicológico) e para se fazer entender (quadro sociológico) (PRIA; CUMPRI; KARIM, 2019, p. 6).

Advogamos, a partir das palavras de PRIA, CUMPRI e KARIM (2019), que os sujeitos enunciadores estão constantemente envolvidos em um trabalho de relacionar as unidades umas com outras em relação a um contexto enunciativo singular. É esse trabalho que possibilita o diálogo entre a linguagem e o mundo e entre o sujeito e o objeto. E a densidade desse diálogo implica apropriar-se das relações que estão na sua base.

Dessa maneira, o que nos interessa, de fato, em nossas análises são as relações de base (operações e esquemas abstratos) que sustentam a trajetória pelas quais se atribui valor à unidade linguística NOVO. São elas que procuramos flagrar por meio das nossas análises dos enunciados. Logo, não vamos aqui definir um valor específico da unidade linguística NOVO como fazem a tradição lógico-gramatical e a teoria da gramática. Compartilhamos da tese culioliana de que não há valor dado, senão, uma construção, e de que a natureza das formas linguísticas é esquemática/operatória.

No que se refere a organização deste artigo, além desta introdução e das considerações finais: na primeira seção, discorremos acerca da semântica-operatória de Antoine Culioli; na segunda seção, dissertamos sobre a representação semântica e a sua imersão numa situação de diálogo; na terceira seção, apresentamos as nossas análises de enunciados com ocorrências da unidade linguística NOVO em posição atributiva e, por fim, na quarta seção, explicitamos algumas generalizações das nossas análises.

“Não há ciência sem teoria”: a semântica-operatória de Antoine Culioli

Antoine Culioli é decididamente uma dessas vozes que discordam da maioria, e, diga-se de passagem, voz das mais eloquentes. Para esse linguista, a significação encontra-se no coração da língua (ROMERO, 2000, p. 41).

Culioli redefiniu o objeto de estudo da Linguística a “atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais e na diversidade dos textos orais e escritos” (CULIOLI, 1990, p. 14). Como consequência, nesse quadro teórico, a Semântica é definida como a “análise das representações mentais desencadeadas e apreendidas por meio do material verbal que lhes dá corpo” (FRANCKEL, 2011, p. 16).

A linguagem é, por sua vez, compreendida como uma atividade de representação de significação acessível somente por meio de sequências textuais, que são traços de operações. A linguagem é uma atividade de representação que se constitui por meio de mecanismos enunciativos responsáveis por organizar um espaço, distanciando e

aproximando pontos ou lugares, uma vez que ela é um sistema de mediação entre nós e os outros, entre nós e a realidade objetiva⁴.

A linguagem é por natureza indeterminada. Assim, sendo a linguagem indeterminada,

quando falamos e escrevemos, ou quando escutamos ou lemos, nos determinamos (nos definimos) e definimos o outro; o processo de equilíbrio é de natureza psicossociológica, e estamos sempre nos regulando, fazendo modulações e ajustamentos; a variação é radical (intersujeito, intrassujeito e, conseqüentemente, intralingua e interlingua) (REZENDE, 2018, p.186).

Enquanto atividade de representação, a linguagem contempla três níveis: o nível das representações mentais, o nível das representações linguísticas e o nível das representações metalinguísticas.

Não temos acesso imediato ao nível nocional ou das representações mentais (de ordem cognitiva e afetiva). Em síntese,

trata-se, nesse nível, de representações que organizam experiências que nós elaboramos desde nossa mais tenra infância, que nós construímos a partir de nossas relações com o mundo, com os objetos, com os outros, de nosso pertencimento a uma cultura, do interdiscurso no qual nos inserimos (CULIOLI, 1990, p.21)⁵.

As representações mentais só são acessíveis ao linguista através das representações linguísticas, que se constituem como traços da atividade cognitiva. Contudo, ambas as representações mentais e linguísticas não se correspondem termo-a-termo. Existe uma assimetria fundamental entre as representações mentais e as linguísticas. As formas linguísticas não são etiquetas das representações cognitivas.

As representações metalinguísticas compreendem procedimentos de teorização e formalização por meio dos quais são descritas as relações de base que sustentam o valor das formas linguísticas. Em última instância representações metalinguísticas formalizam a relação entre as representações mentais e as linguísticas.

As línguas são definidas como “sistemas simbólicos de representação de significado que apresentam variações no tempo, no espaço, de uma cultura a outra, entre falantes, e intra-falantes” (CULIOLI, 1990, p. 14, 179). As línguas, nesta perspectiva, não podem ser entendidas como sistemas inteiramente distintos dos seus enunciadores, visto que “o sistema linguístico não é um espaço homogêneo, mas um espaço que é, ele mesmo, recortado pela oposição entre estável e instável é, na verdade, um lugar de ajustamentos e desvios” (FUCHS, 1984, p. 78).

Vejamos, a seguir, a assunção culioliana de diálogo.

⁴ Já o real é aquilo que nos escapa e do qual não conseguimos escapar. O que nos separa do real é a própria linguagem, pois o próprio da representação é não ser jamais aquilo que ela representa.

⁵ No original: Le niveau I est un niveau de représentation, où représentation renvoie à la représentation mentale (Il s'agit de cognition: quand jê partie de cognition, j'entends le terme au sens large. L'affect fait partie de cognition; il n'y a pas d'un côté le cognitive qui serait du domaine de la rationalité explicite, et l'affectif qui serait le lieu des sentiments et de l'imagination débridée...). Il s'agit donc, à ce niveau, de représentations qui organisent des expériences que nous avons élaborées depuis notre plus jeune enfance, que nous construisons à partir de nos relations au monde, aux objets. À autrui, de notre appartenance à une culture, de l'interdiscours dans lequel nous baignons (CULIOLI, 1990, p. 21)

O diálogo

O diálogo⁶ compreende o movimento de um ponto de relativa estabilidade entre o *eu* e o *outro* e outro ponto de estabilidade visado ou pretendido. A linguagem é a busca pela adequação entre esses dois pontos. Estamos a todo momento ajustando cenários e regulando nossas representações. Trata-se de uma busca incessante por se equilibrar em relação ao outro e aos diferentes cenários convocados por cada relação. A linguagem, “atividade metalinguística não consciente do sujeito” (CULIOLI, 1990, p. 26), é a função reguladora das representações intrassubjetivas e intersubjetivas.

O conceito de diálogo de que tratamos aqui não corresponde à conversação entre duas ou mais pessoas. Trabalhamos com uma concepção mais profunda de diálogo que compreende

o diálogo interior ou intrassubjetivo, que é anterior à situação de exteriorização do produto da atividade cognitiva e contemporâneo a ela, quer dizer, é o mesmo que traz consigo o outro-o mesmo [razoável estabilidade]; o diálogo exterior ou intersubjetivo, que é contemporâneo à situação de exteriorização do produto da atividade cognitiva e projetivo em relação a ela, é o outro que traz consigo o mesmo e o outro-outro [deformabilidade; deslocamento] (PRIA, 2013, p. 54).

Logo, a ocorrência linguística de uma noção semântica (nocional) é filtrada pela relação entre o *eu* e o *outro* em relação a diferentes cenários enunciativos. Por certo, a estabilidade é sempre provisória e a instabilidade é de fundamento, razão pela qual a atividade de regulação se concentra na construção de ajustamentos entre os sujeitos. Assim,

a regulação representa um papel central na atividade de linguagem: (1) o sistema de autorregulação através da reflexão inconsciente (tanto quanto da consciente) em sua própria atividade de linguagem, portanto um processo de deformação e transformação sem fim; (2) a regulação intersubjetiva consiste no ajuste de quadros de referência e representações, validando uma relação com um estado de coisas ou uma classe de estado de coisas [...] (CULIOLI, 1990, p. 181)⁷.

Em síntese, a atividade de produção e reconhecimento de enunciados considerada em relação a uma situação singular de interação verbal implica recuperar a imagem do outro dentro de si, bem como a recuperar a própria imagem dentro do outro (REZENDE, 2000).

Esperamos que estas breves considerações teóricas contribuam para situar o leitor em relação ao modo como se desenharam as análises. Passemos para as nossas análises.

O funcionamento da unidade linguística NOVO: abertura e fechamento de caminho à alteridade

A atividade linguageira implica sempre voltar à origem, ao plano de indistinção dado pela linguagem, através de uma invariante dinâmica, e se

⁶ Alguns autores, tais como Ducard (2013), preferem chamá-lo de “ajustamento”.

⁷ No original: Regulation plays a central role in language activity: (1) the system is self-regulated through the subjects' unconscious (as well as conscious) reflexion on their own language activity, hence a never-ending transforming and deforming process; (2) intersubjective regulation consists in adjusting frames of reference and representations, in validating an utterance with respect to a state of affairs or a class of states of affairs [...] (CULIOLI, 1990, p. 181).

apropriar de uma trajetória original de construção de conteúdo (PRIA, 2019, p. 10).

Os enunciados que selecionamos para as nossas análises foram elaborados por nós mesmos, a partir da nossa experiência linguageira com as ocorrências da unidade linguística NOVO. Essa escolha se justifica por compreendermos que somos nós que colocamos a linguagem em funcionamento.

Nossas análises privilegiaram enunciados em que NOVO aparece em posição atributiva. Desse modo, por opção metodológica, não iremos analisar enunciados como, por exemplo: I) O que há de NOVO no Ensino Médio?; II) Eu quero o NOVO em tudo. Deixaremos para pesquisas posteriores a análise de ocorrências de NOVO do tipo dos exemplos I e II.

Neste artigo, iremos apresentar a análise de enunciados em que NOVO aparece anteposto ao nome:

NOVO anteposto ao nome

ENUNCIADO 01:

Hoje eu preparei um novo prato para o jantar.

ENUNCIADO 02:

O João está infectado com o novo coronavírus.

ENUNCIADO 03:

Um novo livro de Manuel de Barros foi publicado.

ENUNCIADO 04:

O novo computador da biblioteca é rápido.

Fonte: Elaborado pelos autores

Do mesmo modo, iremos apresentar a análise de enunciados em que NOVO aparece posposto ao nome. Vejamos:

NOVO posposto ao nome

ENUNCIADO 01.1:

Hoje preparei o prato novo para o jantar.

ENUNCIADO 02.1:

O João está infectado com o coronavírus novo.

ENUNCIADO 03.1:

Um livro novo de Manuel de Barros foi publicado.

ENUNCIADO 04.1:

O computador novo da biblioteca é rápido.

Fonte: Elaborado pelos autores

As análises estão assim organizadas porque partimos do pressuposto de que anteposição e a posposição de NOVO são regidas por operações enunciativas distintas⁸, o que, apesar de parecer óbvio, é um primeiro passo para se pensar as relações de base que buscamos explicitar neste trabalho.

Por conseguinte, o que fazemos, enquanto exercícios em nossas análises, é de maneira geral, um processo de montagem e desmontagem dos enunciados. Em outras palavras, fazemos a desmontagem de um enunciado de partida e, em seguida, fazemos uma simulação dos processos constitutivos da sua construção. As relações de base vão sendo explicitadas neste movimento.

⁸ Para tanto nos inspiramos em De Vogué (2009, p. 52).

Para tanto, tomamos como orientação metodológica o movimento realizado por PRIA, CUMPRI e KARIM (2019), que consiste na criação de alguns fenômenos que simulam um diálogo entre dois sujeitos aqui denominados A e B. Com efeito, através dessa simulação, explicitamos o processo de determinação da linguagem.

Consideremos o enunciado a seguir:

ENUNCIADO 01: *Hoje preparei um novo prato para o jantar.*

Em 01, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /prato/ no tempo-espaco em relação ao *eu* e ao *outro*⁹. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de prato para alguém> é o caso P. O modo como a relação com o *eu* e o *outro* está construída é o que desencadeia obstáculos para se dizer <Hoje preparei um prato para o jantar>, isto é, a possibilidade de enunciar <Hoje preparei um novo prato para o jantar> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor essa alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

A e B estão falando sobre o jantar e A enuncia:

A1) *Hoje preparei um prato para o jantar.*

B questiona:

B1) *Já sei, macarrão.*

A, por sua vez retruca:

A2) *Não. Hoje preparei um novo prato para o jantar.*

B argumenta:

B2) *pensei que fosse, pois você sempre faz macarrão para o jantar.*

Em se dizendo <Hoje preparei um prato para o jantar> desconstrói-se a simetria entre o *eu* (A) e o *outro* (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /prato/, no tempo-espaco em se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. Essa estabilidade de B pode ser explicitada através da asserção afirmativa em B1(*Já sei, macarrão*), o que nos mostra que A e B já não estão no mesmo plano referencial. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciativos precisam estar no mesmo plano referencial.

Observemos que o enunciado 01 é custoso enunciativamente. Isso ocorre porque entra em jogo o fato de “um prato” se opor ao que “não é prato” como, por exemplo, um pastel. Na sequência do diálogo entre A e B, quando se esclarece que esse prato é macarrão, já que toda vez que há um prato, é sempre o mesmo, é isso que leva ao enunciado “um NOVO prato”.

A unidade linguística NOVO marca em 01 a saída do obstáculo construído ao tornar /prato/ visível, isto é, a ocorrência /prato/ ganha existência, passa a ser referido no espaco referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. Observemos que em 01 tem-se a passagem de uma ocorrência qualquer de <prato> para uma ocorrência localizada de <prato>. No diálogo em questão, X (prato) é localizada em relação a A (sujeito enunciativo). Dessa maneira, /prato/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente ser chamada de prato para alguém> em 01. Tem-se, portanto, em 01 um valor preponderante de QNT.

A partir de 01, derivamos o seguinte enunciado:

⁹ O *eu* e o *outro* a que fazemos referência em nossas análises correspondem a parâmetros enunciativos que são constitutivos do espaco referencial em relação ao qual se localiza *alguma coisa* a dizer.

01.1 *Preparei o prato novo para o jantar.*

Em 01.1, < Preparei o prato novo para o jantar >, NOVO localiza uma ocorrência de /prato/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /prato/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /prato/. O artigo o de /prato/ é marcador do processo de reidentificação. Se tomamos a relação <alguém preparar prato>, podemos ter:

01.1.1 *Alguém preparou um prato (alguém preparou um prato que não era conhecido pelo demais antes).*

01.1.2 *Alguém preparou o prato hoje (alguém preparou um prato que já era conhecido pelo demais).*

A partir de 01.1.1 e 01.1.2, derivamos os enunciados do diálogo a seguir:

A e B estão conversando sobre o jantar e B enuncia:

B1) *Você poderia preparar o jantar hoje.*

A questiona:

A1) *Que prato eu preparo?*

B responde:

B2) *O prato novo.*

A, então, pergunta:

A2) *De que prato você está falando?*

B responde:

B3) *O prato que você criou com cenoura e camarão.*

A finaliza:

A3) *Sim, agora lembrei.*

Observemos que a ocorrência X (prato novo) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (prato) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 01.1.

Passemos para o próximo enunciado:

ENUNCIADO 02 – *O João está infectado com o novo coronavírus.*

Em 02, NOVO situa uma ocorrência de /coronavírus/ no tempo-espaço em relação ao *eu* e ao *outro*. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de coronavírus para alguém> é o caso P. O modo como a relação com o *eu* e o *outro* está construída é o que impede de dizer <O João está infectado com o coronavírus>. A possibilidade de enunciar <O João está infectado com o coronavírus> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos em relação a um dado espaço referencial. Para visualizarmos melhor a alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

Em uma conversa sobre os colegas da faculdades A diz a B:

A1) *O João está infectado com o novo coronavírus.*

B questiona A:

B1) O coronavírus já existia antes da pandemia?

A explica para B:

A2) *Sim, já existia. O que se tem agora é o novo agente do coronavírus (nCoV-2019).*

Em se dizendo <O João está infectado com o novo coronavírus> desconstrói-se a simetria entre o *eu* (A) e o *outro* (B). A interrogação, em B1, explicita essa dissimetria entre A e B, que já não estão no mesmo plano referencial. A alteridade foi instaurada. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadorees precisam estar no mesmo plano referencial. B lança sobre A a responsabilidade de assumir um valor (positivo, negativo ou de incerteza) sobre a relação <coronavírus existente>. Ainda que tanto A quanto B usem o artigo *o* em A1 e B2, respectivamente, marcando uma reidentificação da ocorrência /coronavírus/, a ocorrência de /coronavírus/ em A1 explicita à experiência singular de um mesmo sujeito (A) em diferentes tempos-espacos que não aquele compartilhado com B. A ocorrência /coronavírus/ é identificada, em A2 com / nCoV-2019/.

A unidade linguística NOVO marca a saída do obstáculo construído ao tornar /coronavírus/ visível, isto é, /coronavírus/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso entre A e B. Assim /coronavírus/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente chamar de coronavírus para alguém> em 02. Tem-se, portanto, em 02 um valor preponderante de QNT.

A partir de 02, derivamos o seguinte enunciado:

02.1 *O João está infectado com o coronavírus novo.* *¹⁰

Em 02.1, <O João está infectado com o coronavírus novo>, NOVO localiza uma ocorrência de /coronavírus/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /coronavírus/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /coronavírus/. O artigo *o* de /o coronavírus/ é marcador do processo de reidentificação. Ressalte-se o alto custo enunciativo para se enunciar <O João está infectado com o coronavírus novo>. Seria necessária uma situação enunciativa bastante especifica para se enunciar 02.1. Vejamos o seguinte diálogo:

A e B estão conversando sobre a pandemia da Covid-19. A enuncia:

A1) *Você viu que a pandemia retornou?*

B responde:

B1) *A do coronavírus?*

A responde:

A2) *Sim, isso mesmo. Inclusive, o João está infectado com o coronavírus novo.*

B retruca:

B2) *Não entendi o que você quis dizer como coronavírus novo.*

Então, A explica:

A3) *Estou me referindo a uma outra variante do vírus.*

¹⁰ O asterisco marca o alto custo enunciativo de um enunciado, isto é, marca que um determinado enunciado necessita de uma situação extremamente especifica de enunciação para ser enunciado.

Para que se diga *O João está infectado com o coronavírus novo* em uma situação de enunciação singular, é necessário que se tenha introduzido uma ocorrência de coronavírus no espaço referencial. Assim, a ocorrência X (coronavírus novo) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (coronavírus) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionada, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 02.1.

Vejamos a análise do próximo enunciado:

ENUNCIADO 03 - *Um novo livro de Manuel de Barros foi publicado.*

No enunciado 03, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /livro/ no tempo-espaço em relação ao *eu* e ao *outro*. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de livro para alguém> é o caso P. O modo como a relação com o *eu* e o *outro* está construída é o que impossibilita de dizer <Um livro de Manuel de Barros foi publicado>. A possibilidade de enunciar <Um livro de Manuel de Barros foi publicado> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos, isto é, a introdução de uma ocorrência de /livro/ em relação a um dado espaço referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. O que queremos dizer é que, em uma diálogo entre A e B, há uma contestação por parte de B. B entende o que foi dito por A de um jeito e A, por conta disso, reformula o seu dito. Para visualizarmos melhor essa alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

A e B estão em uma livraria. A enuncia:

A1) *Um livro de Manuel de Barros foi publicado hoje.*

B retruca:

B1) *Você quer dizer uma versão atualizada?*

A2) *Não. Quero dizer que um novo livro de Manuel de Barros foi publicado hoje.*

Em se dizendo <Um livro de Manuel de Barros foi publicado > desconstrói-se a simetria entre o *eu* (A) e o *outro* (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /livro de Manuel de Barros/, no tempo-espaço em que se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. A interrogação em B1 marca gesto de dúvida de B e, ao mesmo tempo, a sua busca pelo ajustamento através da possível validação de A. No entanto, em A2, como é possível observarmos, não marca uma asserção negativa sobre a relação <livro ser versão atualizada>. Isso explicita a não validação de A, bem como o fato de que A e B já não estão no mesmo plano referencial. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadorees precisam estar no mesmo plano referencial.

A unidade linguística NOVO marca a saída do obstáculo construído ao tornar /livro/ visível, em outras palavras, /livro/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. Observemos que em A2 o termo um é o marcador de passagem uma ocorrência (0) <nenhuma ocorrência de livro> para uma ocorrência (1) <uma ocorrência localizada de livro>. No diálogo em questão, X (livro) é localizado em relação a A (sujeito enunciadoree). Desse modo, /livro/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode

provisoriamente ser chamada de livro para alguém> em 03. Tem-se, portanto, em 03, um valor preponderante de QNT.

A partir de 03, derivamos o seguinte enunciado:

03.1 *O livro novo de Manuel de Barros foi publicado hoje.*

Em 03.1, < O livro novo de Manuel de Barros foi publicado hoje >, NOVO localiza uma ocorrência de /livro/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional (livros de Manuel de Barros), e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /livro/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /livro/. O artigo o de /o livro/ é marcador do processo de reidentificação.

Logo, a ocorrência X (livro novo) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (livro) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionada, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 03.1.

Se tomamos a relação <alguém publicar livro> podemos relacionar 03 com *o livro que ele escreveu*; já 03.1 podemos relacionar com *um livro que é de posse de Manuel de Barros, um livro que Manuel de Barros comprou e que está NOVO*.

Vejamos a análise do próximo enunciado:

ENUNCIADO 04 - *O novo computador da biblioteca é rápido.*

Em 04, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /computador/ no tempo-espaço em relação ao *eu* e ao *outro*. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de computador para alguém> é o caso P. O modo como a relação com o *eu* e o *outro* está construída é o que impossibilita de dizer <o computador da biblioteca é rápido>. A possibilidade de enunciar <o computador da biblioteca é rápido> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos, dito de outra forma, a introdução de uma ocorrência de /computador/ em relação a um dado espaço referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor a alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

A e B precisam fazer uma determinada pesquisa para um trabalho da faculdade.
A enuncia:

A1) *Preciso de um computador para fazer a minha pesquisa.*

B responde:

B1) *O computador da biblioteca é rápido.*

Por sua vez, A retruca:

A2) *Não é mesmo.*

B esclarece:

B2) *O novo computador da biblioteca é rápido.*

A responde:

A3) *Não sabia que a biblioteca tinha um novo computador.*

B conclui:

B3) *Sim, tem.*

Em se dizendo <O computador da biblioteca é rápido> desconstrói-se a simetria entre o *eu* (A) e o *outro* (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /computador/, no tempo-espaço em se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. Por sua vez, a experiência singular de A com /computador da biblioteca/ faz com que ele não atribua a /computador da biblioteca/ a propriedade de <ser rápido>, como é possível observarmos em A2, em que não marca uma asserção negativa sobre a relação <computador da biblioteca ser rápido>, isso explicita a não validação de A, bem como o fato de que A e B já não estão no mesmo plano referencial. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadores precisam estar no mesmo plano referencial.

NOVO marca em 04 a saída do obstáculo construído ao tornar /computador/ visível, em outras palavras, /computador/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. No diálogo em questão, X (computador) é localizado em relação a B (sujeito enunciador), em virtude de B validar a existência de /computador/ em B3. Desse modo, /computador/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo, assim como a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente ser chamada de computador para alguém> em 04. Tem-se, portanto, em 04 um valor preponderante de QNT.

A partir de 04, derivamos o seguinte enunciado:

04.1 *O computador novo da biblioteca é rápido.*

Em 04.1, <O computador novo da biblioteca é rápido >, NOVO localiza uma ocorrência de /computador/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da noção que se encontra na fronteira do domínio como ainda sendo uma ocorrência de /computador/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /computador/. O artigo o de /o computador/ é marcador do processo de reidentificação.

Se considerarmos a relação <computador ser rápido>, podemos ter:

04.1.1 *O computador da biblioteca é rápido.*

04.1.2 *O computador da biblioteca não é rápido.*

A partir de 04.1.1 e 04.1.2, fazemos duas leituras a partir das nossas experiências com *computador da escola*. Em 04.1.1, o sujeito enunciador valida a relação <computador ser rápido>. Em 04.1.2, por sua vez, a negação, marcada pelo termo não remete para o bloqueio da construção da relação <computador ser rápido>.

Em suma, ocorrência X (computador novo) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (computador) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionada, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 04.1.

Passemos para a nossa síntese conclusiva.

Uma síntese do funcionamento da unidade linguística NOVO

Com base em nossas análises, é possível afirmar que a unidade linguística NOVO em posição atributiva regula a variação experiencial do sujeito com o empírico ao

singularizar um valor (e não outro) dentre muitos. Em outras palavras, em uma situação de enunciação que é composta de duas variáveis, (S) sujeito(s) enunciador(es) e (T) coordenada espaço-temporal, NOVO abre e ao mesmo tempo fecha o caminho para a alteridade quando os sujeitos singularizam um valor (e não outro) dentre muitos. Pois, o que é representado em um enunciado não é a realidade acontecida, é, na verdade, uma realidade percebida pelo sujeito enunciador.

Existe um esforço e um trabalho dos sujeitos que se refletem nos enunciados que analisamos com ocorrência da unidade linguística NOVO em posição atributiva. Esse esforço é, por assim dizer, um movimento para promover uma aproximação do objeto que o sujeito supõe existir na experiência do outro. Com efeito, podemos dizer que as ocorrências da unidade linguística NOVO antepostas ao nome é a marca da saída de um obstáculo construído ao tornar X visível. Já NOVO posposto ao nome é marca da atualização de uma ocorrência X em uma situação enunciativa singular.

Considerações finais

Propusemos neste artigo, com base na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli e de seus seguidores, empreender um estudo, por meio da construção de protocolos experimentais que nos permitiram relacionar um conjunto de enunciados, com ocorrências da unidade linguística NOVO em posição atributiva.

Para tanto, divergimos não só da tradição lógico-gramatical, mas também da teoria da gramática cujos avanços são tributários dos estudos linguísticos. Isso porque partimos da hipótese de que são a variação experiencial e linguística que fundamentam os diferentes modos pelos quais são determinados os sentidos da unidade linguística NOVO.

Mantendo-se a divergência, também assumimos a hipótese de que a linguagem é fundamentalmente indeterminada e de que as formas linguísticas se determinam em relação a um espaço referencial delimitado por uma situação singular.

Por fim, através das análises explicitamos o funcionamento da unidade linguística NOVO enquanto marcador de mecanismos de abertura e fechamento de caminho à alteridade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

AMARO, R. F. **Posição do adjectivo e ligação selectiva: especificações para a computação do significado**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, p. 168. 2002.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.



CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Tome IV. Tours et detours. Limoges: Lambert-Lucas, 2018.

DUCARD, D. **Enunciação e atividade de linguagem**. Urbelândia : EDUFU, 2013.

FUCHS, C. Place et rôle de la variabilité dans les théories linguistiques. In: LAUTREY, J. et al. **Invariants et variabilités dans les sciences cognitives**. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2002, p. 157-173. Disponível em: <<https://books.openedition.org/editionsmsmh/6702>>. Acesso em: 30/10/2021.

FUCHS, C. O sujeito na teoria de A. Culioli: Algumas referências. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. n. 7, p 77-85, 1984.

FRANCKEL, J. J. Referência, referenciação e valores referencias. In: VOGUÉ, S. de; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 31-55.

PRIA, A. D. **Para um direcionamento do estudo do adjetivo**: os processos enunciativos de variação semântica de “falso”. Araraquara, SP, 2009. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2009.

PRIA, A. D. A especificidade linguística e não-linguística em articulação com a atividade de linguagem. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 38. N 64, p. 50-56. Jan/jun, 2013.

PRIA, A. D. O diálogo, a significação e a enunciação na articulação da linguagem com as línguas naturais. In: PRIA, A. D.; MOTTA, A. L. A. da; DI RENZO, A. M.; MORALIS, E. G. **Linguagem, escrita e tecnologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PRIA, A. D.; CUMPRI, M. L; KARIM. T.M. A identidade das formas linguísticas sob o ponto de vista das operações predicativas e enunciativas. **Letrônica**, v. 12, p. e32120-e32120, 2019.

PRIA, A. D. A interação do verbo suporte DAR com os processos de construção da significação no português brasileiro. In: **Delta**, v. 3, n. 2, 2019.

REZENDE, L. M. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. 2000. Tese (livre-docência). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2000.

REZENDE, L. M. Operações da linguagem e algumas construções nominais. **Alfa** (ILCSE/UNESP), São Paulo - SP, v. 46, n.46, p. 111-127, 2002.

ROMERO, M. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical**: a polissemia redimensionada - estudo dos verbos jouer e changer. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2000.

ROMERO, M.C. Teoria das operações enunciativas. In: ROMERO, M; et al. **Manual de linguística**: Semântica, Pragmática e Enunciação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

Recebido em: abril de 2023.

Aprovado em: junho de 2023.

Como citar este trabalho:

SOUSA, I. da S.; PRIA, A. D. O funcionamento da unidade linguística NOVO como marcador de abertura e fechamento de caminho à alteridade. **Traços de Linguagem**, v. 8, n. 1, 26-40, 2024.